

OPINIÃO CATHARINENSE

PUBLICA-SE

JORNAL POLITICO E NOTICIOSO

ASSIGNATURAS

CAPITAL

ANNO 5\$ 000

PARA FORA

ANNO 6\$ 000

Folha avulsa 200 rs.

às quintas-feiras de cada

semana.

REDACTOR PRINCIPAL

DR. GENUINO FIRMINO VIDAL CAPISTRANO.

OPINIÃO CATHARINENSE.

A opposição.

A opposição em suas invectivas contra os adversarios politicos, gyra sempre dentro do mesmo circulo de ferro que tem traçado, vendo a cada passo incoherencias, humilhações, ambição do poder — e a vontade irresistivel da Corôa. Ora aggride a situação conservadora por não ter prestado auxilio á lavoura, como se a actividade humana podesse accudir de prompto a todas as necessidades publicas, e querendo desconhecer esse periodo de solicitude e trabalho, no qual se tem dotado o paiz com tantas e salutaes reformas: ora, uma vez feita a reforma, a opposição se apresenta na arena, e brada ou que foi sophismada, ou que passou por ser uma imposição partida do alto, como hoje acontece com a reforma eleitoral.

Mas do auxilio á lavoura cura o governo, e prorroga as camaras por mais dez dias, afim de que sejam tomadas as providencias necessarias a respeito de um tal assumpto, evidenciando quão injustas são as aggressões dos adversarios contra esta fertil situação.

Quanto a reforma eleitoral, no sentido da eleição indirecta, não podemos comprehender como seja uma imposição da Corôa, quando é certo que o primitivo projecto tem sido modificado em differentes pontos, e quando é certo que a propria opposição veio declarar que tinha sido elle alterado em pontos essenciaes.

Será acreditavel que o Monarcha fizesse questão deste ou daquelle systema, sem apresentar os meios de sua execução?

Si existem, aonde estão ou aonde foram nessas modificações por que passou o projecto da reforma eleitoral?

Não foi modificado o projecto no attinente a representação das minorias?

Não o foi quanto ao augmento do numero de deputados?

Não houve tantas divergencias relativamente a ser a eleição por provincias ou por districtos?

Que imposição é essa que vem do alto, que vontade irresistivel é essa que fluctua á mercê de opiniões estranhas?

A opposição diverte-se; ergue-se até as alturas para vêr humilhações, incoherencias, corrupção — todos os males e sentimentos menos nobres de parte de seus adversarios.

Não se recorda a opposição, para hoje pedir o adiamento da reforma eleitoral, do que dissera quanto ás providencias que devião ser tomadas a respeito da lavoura.

Entende a opposição que a opinião nacional queria a reforma eleitoral no sentido da eleição directa, e não nos mostra as bases em que se assenta essa proposição.

Si a opinião nacional manifesta-se por meio do parlamento, este declarou o que era o que a Nação queria.

São estes pontos já tão discutidos, que admira-nos a insistencia sobre elles, e uma explicação apenas encontramos, — e é que a opposição tem necessidade de fazer opposição.

A humilhação de caracteres na pessoa dos srs. conselheiro Paulino e barão de Cotegipe, suas incoherencias, como ousa dizer o partido adverso, desaparecem da imaginação daquelles que os aggridem, em face de seus notaveis discursos, em que explicão a lealdade e nobreza de seu procedimento.

Seja deposta a paixão partidaria, examine a opposição com calma e animo desprevenido o procedimento de tão notaveis estadistas, e certamente, em vez de acres censuras, será a primeira a ennobrecer áquelles que visão apenas o bem da causa publica e o engrandecimento de sua patria.

Hoje que as camaras foram prorogadas para tratar-se do auxilio á lavoura, entendemos ser util a publicação do seguinte artigo, que bem mostra quão injustas e infundadas são as accusações de nossos adversarios, que tudo desejão do chôfre.

O dominio liberal.

(Do Correio da Bahia.)

Poderíamos deixar sem resposta o editorial do *Diario* de domingo; desde que o contemporaneo gastou duas de suas columnas, sem adduzir uma razão procedente, em defeza de seus amigos politicos.

Tinhamos perguntado porque razão os liberaes, durante os longos annos de seu dominio, nada fizeram em beneficio da lavoura, para a qual pedem hoje medidas de toda ordem, tomadas de chôfre, por mais importantes e sérias que as supponham.

Mas o *Diario*, em vez de responder-nos com a gravidade que o caso requeria, deixou se levar pelo gosto da galhofa para que deu agora, apozar de sua respeitavel idade!

Lamentaremos — que no dominio passado tivesse havido tempo bastante para tudo, e que sómente para acudir a lavoura elle faltasse aos nossos adversarios.

Disseramos que — admiravamos como nada escapara aos liberaes na epocha de seu governo, apozar da guerra do Paraguay, e só lhes fosse indifferente a sorte da agricultura, de que actualmente querem fazer instrumento da popularidade, porque andam sequiosos.

E finalmente, tinhamos asseverado que si era verdade que o ministerio de 3 de agosto havia estudado convenientemente o assumpto, como aliás o *Diario* allegava; nada mais simples do que expor ao parlamento suas idéas, submitter-lhe o projecto tão cuidadosamente elaborado, fazel-o emfim passar com o prestimo da maioria com que então o governo contava.

A tudo isso respondeu a folha liberal com uma pilheria de mau gosto, como se vai ver. O *Diario* escreveu:

Quando a guerra do Paraguay não ficou

nenhuma provincia sem presidente, nem chefe de policia; continuou-se a prender os criminosos, a receberem-se os impostos, a expedirem-se cartas pelos correios, a se pleitearem as demandas, a terem vigarios as freguezias, empregados as repartições.»

Ora eis ali a força de dialectica do contemporaneo, tão cheio de si que julga fallar a parvos ou imbecis!

Deixemos, porém, de parte essas levesas do *Diario* e colloquemos a questão na altura que lhe é devida.

Recorde-se a gazeta opposicionista do que allegara em seu numero de 22 deste mez.

O contemporaneo disse então, — que é para ensoberbecer o partido liberal estar o governo actual voltando ás mesmas providencias lembradas pelo ministerio 3 de agosto.

Donde é justo concluir-se, — que o partido liberal lembrou alguma medida, e si lembrou-a, é porque já tinha devidamente estudado e peccou por não resolvel-o em tempo.

Que providencias foram essas, lembradas pelo partido liberal?

Que obstaculo surgiu para que não fossem ellas postas em execução?

A guerra do Parnay?

Mas a guerra não impediu que as medidas fossem apontadas pelo ministerio, e só teve força de embaraçar a passagem dellas no corpo legislativo!

Ha quem o creia?

Não, por certo; tanto mais quanto deu-se com a lavoura o mesmo que succedeu aos de mais assumptos, objectos entretanto de clamores e queixas dos liberaes quando fóra do governo, como hoje.

A lei de 3 de dezembro ficou intacta; a do recrutamento em seu inteiro vigor; o elemento servil continuou, como dantes, a inquinar a sociedade brasileira; para resumir, nenhuma das idéas do monumental programma foi realisada, e o paiz estupefacto assombrou-se diante de tanta coragem, de tamanha ingratição!

Demais; o partido liberal não subiu com a guerra. Antes de ser esta declarada, já elle governava o paiz.

E o tempo que mediou entre a ascensão dos nossos adversarios e o rompimento da luta com o Paraguay, em que foi por elles empregado?

Que medida importante tomou-se, que idéa salvadora foi posta em pratica?

Res, non verba. Eis o que deve sempre preoccupar os governos honestos, e os pode recommendar a gratidão patria.

Diz o povo, em seus momentos de feliz inspiração: *o inferno está cheio de homens de boas intenções.*

O que o paiz quer é o progresso tornando-se de dia em dia mais seguro, palpavel e efficaz. O que o paiz deseja é ver á sua frente estadistas, que façam menos programmas e tenham mais prompta acção.

E o *Diario* sabe que, entre nós ao menos, o partido liberal só se distingue pelo exagero das idéas, quando em opposição, e pela indolencia do seu procedimento, quando governo.

Invertendo as nossas palavras, e dandolhes um sentido alheio ao que ellas tem, o *Diario* quiz persuadir os seus leitores do que em nada avaliamos o trabalho preparatorio, a que são obrigados os que resolvem apresentar qualquer objecto sobre materia importante.

Não eliminamos esse trabalho anterior e indispensavel.

Mas, na phrase mesma do *Diario*, quem assume o alto encargo da suprema direcção de um paiz tem o dever imprescindivel de cu-

ubecor suas circumstancias, e de prover em tempo a suas necessidades.

Cumpria, pois, ao partido liberal correr em auxilio da lavoura; para o que seguramente era-lhe mais que sufficiente o quinquenio em que governou.

De mais; o contemporaneo deu a entender que o ministerio de 3 de agosto já tinha procedido a esses trabalhos prévios, estando por consequencia habilitado para propôr as medidas reclamadas pela assustadora crise.

E por isso estranhámos que só não houvesse tempo para ser apresentado o projecto ás camaras, e ali discutido regularmente.

Foi talvez questão de minutos....

Quem sabe si a 17 de julho de 1868 não seria lido esse parto soberbo de sabedoria e patriotismo?

Foi uma fatalidade, e essa é a verdadeira conclusão do artigo do *Diario*, foi uma fatalidade terem os liberaes cabido a 16 de julho!

Não poremos ponto a estas linhas sem fazer uma observação necessaria em vista do modo porque o *Diario* interpretou uma phrase nossa.

Dissemos, é verdade, — que muitos outros assumptos não menos importantes e profundos foram resolvidos pelo Sr. Zacarias e seus collegas, a despeito das ballas, que estouravam nos esteros paraguayos.

Mas isto foi para provar sómente que o tempo não lhes faltava, como no emtanto o *Diario* nos assegurou, e que a guerra nunca foi obice invencível para cuidar-se do que importava a direcção interna do paiz.

Comtudo não bata palmas de contente o *Diario* pela confissão que fizemos; nella nada pôde haver de raro, nem de favoravel a si.

A questão, note bem, não é a que o contemporaneo conjectura. Não se trata de indagar si os assumptos foram resolvidos pelo ministerio de 3 de agosto; quer se saber si o foram bem resolvidos.

Não podia o governo liberal ter decidido graves assumptos com a mesma leviandade, com que allodiu a questão do elemento servil, por exemplo?

Nem tudo o que resolve um governo é decidido de accordo com a justiça, as conveniencias e os interesses publicos.

D'ahi se concluirá, que o gabinete 3 de agosto podia ter resolvido muitas questões importantes, mas sem o necessario criterio, sem aquella sabedoria que faz a gloria dos bons governos, e os torna bemitos pela posteridade.

Cumprimos um dever de jornalista transcrevendo em nossas columnas a seguinte biographia de um genio immortal, e ao mesmo tempo rendemos homenagem á litteratura patria.

Fagundes Varella.

Luiz Nicolau Fagundes Varella, nasceu a 17 de agosto de 1841, na freguezia de Nossa Senhora da Piedade, hoje villa do Rio-Claro, provincia do Rio de Janeiro.

Seus pais, o Dr. Emiliano Fagundes Varella e D. Emilia de Andrade, interessaram-se muito pela sua educação, e felizmente encontraram em Angra dos Reis, um habilitado mestre de escola, José de Sousa Lima, que sentia prazer especial em desenvolver e instruir o espirito juvenil entregue ao seu ensino.

Em 1852 foi o pae do poeta nomeado juiz de direito de Catalão, na remota provincia de Goyaz. Durou a viagem semanas, e foi feita a cavallo atravez de um paiz sem estradas e quasi destituido de habitantes. Ao meio dia e á noite, o jovem poeta e a sua familia eram obrigados a tomar refugio e refeição sob alguma arvore copada. Podemos facilmente imaginar seus soffrimentos durante tão penosa perigrinação.

O espirito do poeta recebeu, comtudo, uma percepção duradoura e enérgica das bellezas maravilhosas de um rico paiz tropical que ainda florescia na sua primitiva magestade e aspect agreste.

Durante a residencia judiciaria de seu

grande proveito a lingua latina, mái da portugueza.

Depois de sua volta de Goyaz, entrou para um collegio em Petropolis, sob a direcção de Jacintho Augusto de Mattos, que discerniu em seu pupillo grandes talentos, e assiduamente os cultivou.

Tendo-se mudado a familia para Nictheroy, começou o poeta os estudos philosophicos sob a direcção do desembargador aposentado João Candido de Deus Silva. Tentou este professor, como o pae de Ovidio, dissuadir o joven pupillo de seguir a inclinação poetica, porque a pobreza seria sua sorte, e, além disso, acrescentou o mestre. — "Nunca sereis bom poeta."

Luiz Varella resolveu vingar-se do mestre por ter menosprezado as suas faculdades poeticas. No dia seguinte trouxe alguns versos originaes e subscreveu o nome do grande poeta epico Camões, bem como a cópia de uma ou duas estancias de Camões, assignada Luiz Varella. Ambas foram submettidas á apreciação do philosopho prosaico, que de prompto decidiu que a segunda cópia não prestava e que a primeira era excellente.

Matriculou-se em 1862 na academia de S. Paulo. Ao ser examinado em francez, coube-lhe em sorte um trecho de poesia, que immediatamente verteu em excellentes versos portuguezes, no meio dos applausos geraes.

Já era poeta reconhecido; estimulado pelos collegas, principiou a publicar as producções poeticas da meninice; que crearam uma escola nova, emanciparam a nova geração de imitar os poetas francezes, e lhes ensinaram a ser verdadeiros brasileiros, infiltrando-lhes nas almas idéas da grandeza do seu paraizo terrestre e que seria crime imperdoavel tornarem-se habitantes indignos de um paiz que possuía os dons mais escolhidos da natureza.

Abominava a escravidão, e não hesitou em publicar versos contra uma instituição que só accumulava

Thesouros sobre o sangue amontoados
Paços sobre vulcões!

Frequentou a academia de S. Paulo durante dous annos. Casou-se com uma moça bonita, de quem teve um filho, que concentrou todo seu amor fogoso. Resolvendo concluir os estudos em Pernambuco, embarcou no *Bearn*, e soffreu naufragio na altura dos Abrolhos.

Luiz Varella desenvolveu grande energia, e graças á sua experiencia de viajar atravez de um paiz agreste, dirigiu a construcção de choupanas commodas, mui artistica e ligeiramente arranjadas, por meio de coqueiros, palmeiras e semelhantes productos tropicaes.

Passou um anno em proseguir felizmente os estudos juridicos em Pernambuco.

Ao voltar ao lar, durante as férias, soffreu mui cruelmente ao ouvir que a esposa e o filho não existiam. Foi golpe mortal para Luiz Varella; dali em diante vagueava pelos campos, abria caminho através de florestas, vadeava ribeiros e passava rios caudalosos a nado, condoia-se com os africanos, cantava suas torturas, suspirava pelo morto, e como em uma occasião anterior, poeticamente exclamou:

Minha alma é como um deserto
Por onde o romeiro incerto
Procura uma sombra em vão;
E' como a ilha maldita
Que sobre as aguas palpita
Queimada por um vulcão!

Durante a tempestade de dôr, compôz o *Cantico do Calvario*, em referencia á perda do amado filho. Citaremos alguns versos, notaveis pela belleza melodiosa:

Como eras lindo! Nas rosadas faces
Tinhas ainda o tórido vestigio
Dos beijos divinaes, nos olhos languens
Brilhava o brando raio que accendera
A benção do Senhor quando o deixaste!
Sobre o teu corpo a chusma dos anginhos
Filhos do ether e da luz, voavam,

Pouco a pouco se extasiou de tal fórma pelos costumes simples dos camponeses, que adoptou suas maneiras e vestuarios.

Descreve, segundo seu modo de vêr, os prazeres da vida campestre, nas subseqüentes linhas, intituladas

A roça.

O balanço da rêde, o bom fogo.
Sob um tecto de humilde sapé;
A palestra, os lundús, a viola,
O cigarro, a modinha, o café;

Um robusto alasão, mais ligeiro
Do que o vento que vem do sertão,
Negras crinas olhar de tormenta,
Pés que apenas rastejam no chão,

E depois um sorrir de roceira,
Meigos gestos, requebros de amor,
Seios nus, braços nus, tranças soltas,
Molles fallas, idades de flor;

Beijos dados sem medo ao ar livre,
Risos francos, alegres serões,
Mil brinquedos no campo ao sol posto,
Ao surgir da manhã mil canções;

Eis a vida nas vastas planicies,
Ou nos montes da terra da Cruz,
Sobre um solo só flores e glorias,
Sob um céu só magia e só luz.

Esta agreste vida poetica terminou em segundas nupcias, e da segunda esposa deixou duas filhas de tenra idade.

Comtudo nunca restabeleceu-se completamente do abalo soffrido pela morte do primeiro filho. Desapparecia as vezes durante semanas, procurando consolo nas florestas e choupanas dos camponeses pobres, e como era perito botânico, naturalista, e bem versado em medicina, as visitas eram recebidas com sincera affeição e gratidão. Podemos formar uma idéa do prazer que derivava dessas visitas errantes, pelas seguintes linhas, dedicadas ao amigo intimo Dr. Bertoldi:

Salve, florestas virgens! Rudes serras!
Templos da immorredoura liberdade!
Salva! tres vezes salve! Em teus asylos
Sinto-me grande, vejo a divindade!

Não obstante ser mal comprehendido pelos seus numerosos conhecidos, que eram incapazes ou não queriam comprehender a força do seu genio e o vigor da sua imaginação, nunca retribuiu as opiniões erroneas com um merecido castigo poetico; era magnifico de mais, como se vê pelos seguintes versos:

Na flor dos annos conheci da vida
Toda triste illusão.
Embora os homens meu porvir manchassem
Não os detesto, não!

Embora o sopro ardente da calumnia
Crestasse os sonhos meus,
Nunca descri do bem e da justiça,
Nunca descri de Deus!

Foi estudante laborioso de livros e da natureza; preferiu estudar os homens quando tiravam o disfarce em banquetes joviaes. Sendo parco de alimento, foi fraquissimo companheiro folgasão.

Desejou ardentemente estudar o rio oceânico Amazonas, e associar-se com as numerosas tribus indianas que nunca tiveram communicações com os brancos.

Resolvera effectuar este projecto ousado, logo que tivesse completado a publicação do poema denominado — *Anchieta*, ou o *Evangelho nas Selvas*.

Um ataque apoplectico, que terminou fatalmente no dia 18 preterito, abateu este poderoso genio antes que tivesse tempo de revelar o accumulado thesouro poetico que a reflexão estava amadurecendo.

Suas principaes obras publicadas são:

Nocturnas.
Vozes da America.
Cantos Meridionaes.
Cantos e Phantasias.
Pendão Auriverde.
Cantos do Ermo e da cidade.

Entre sua grande collecção de manuscritos encontraram-se um fragmento de...

dos apóstolos, dous dramas intitulados — A Fundação de Piratininga e Ponto Negro, um outro em verso, tirado dos cantos phantasticos de Hoffman — O demonio do jogo.

Varios fazendeiros possuem composições de Luiz Varella, é a imitação vivida e verdadeira da paisagem e vida do Brasil, em linguagem simples mas vigorosa e agradável, que corria espontaneamente, mesmo na meninice, de uma imaginação fértil, altamente dotada da percepção de semelhança na dessemelhança.

Tinha maneiras simples, e tão simples que muitos não podiam acreditar que possuísse genio poderoso, tão poderoso que ás vezes se erguia tão demasiadamente alto que não podia ser devidamente apreciado pelos contemporaneos menos favorecidos.

Gerações successivas hão de elevar, indubitavel e merecidamente, a uma alta esphera poetica e acariciada a fama de Luiz Varella.

Rio, 15 de março de 1875.

(The Anglo Brazilian Times.)

GAZETILHA.

Espectaculo. — Como noticiamos no numero precedente deste jornal, teve lugar quinta-feira, 30 de setembro, o spectaculo dado, no theatro de Santa Izabel, pela sociedade dramatica particular — RECREIO CATHARINENSE — em beneficio da sociedade musical *Santa Cecilia*.

Representou-se o drama — O Poder do Ouro —, e as duas comedias — Defeito de familia e Encontrei-o afinal.

O spectaculo correu sempre com applauso dos espectadores.

Desejamos que esta sociedade prosiga a dispensar aos habitantes desta capital, horas de agradável passatempo e instrucção.

Vapores. — Entrou neste porto, procedente do Rio Grande do Sul, o paquete *Camões*, no dia 2 do corrente, e seguiu na tarde do mesmo dia para o Rio de Janeiro.

— O *Arinos*, ancorou neste porto, a 5 do corrente, as 8 horas da noite, procedente do Rio de Janeiro, com escala pelos portos; e hontem de manhã tambem entrou o *Calderon*, da mesma procedencia.

Regresso. — S. ex. o sr. dr. presidente da provincia regressou de sua visita ás colonias, para onde se dirigio na canhoneira aqui estacionada, vindo no *Arinos* que tocou em Porto-Bello onde s. ex. embarcou-se.

Felicitemos a s. ex. pelo seu feliz regresso.

Reforma eleitoral. — Pelo *Camões* entrado do Sul a 2 deste mez, sabe-se ter passado a Reforma Eleitoral, bem como o terem sido prorogadas as camaras até o dia 10 deste mez, e que a S. M. o Imperador são accedidos 18 mezes de licença.

Eis o telegramma, publicado no *Rio Grandense*, de Porto Alegre:

« Rio, 25 de setembro.

« Passou a Reforma Eleitoral.

« Licença ao Imperador por 18 mezes e orçamento geral.

« Prorogação até 10 de Outubro, por auxilio á lavoura. »

INEDITORIAL.

Ao publico.

A questão do inventario de Anna Rosa Coelho mostra que o curador dos ausentes foi bem pouco cumpridor de seus deveres. Não discutimos com quem não mereço

As discussões para o vulgo ignorante em nada nos aproveita; para aquelles que comprehendem as cousas, nos contentamos com as provas que exhibe aquelle, cujo contendo de seus artigos resume todos os disparates e a maior ignorancia da sciencia do direito.

Escrevemos para o publico.

O tal inventario de Anna Rosa Coelho, já concluido ha 11 annos, produziu taes confusões na cabeça do curador dos ausentes, que não deixou que elle visse os autos de prestação de contas, que é o fio de Ariadne em semelhante negocio. E por ahí viria que ao escrivão ainda estão a dever os herdeiros de Anna Rosa Coelho a quantia de 3 mil e tantos réis.

Pela informação do escrivão de orphãos, fica bem claro que o curador dos ausentes não conhece toda a historia da questão: elle fallou nos autos da prestação de contas, e até contra os ausentes, de modo que foi preciso que o advogado Eleuterio impugnasse o seu procedimento menos conforme com a lei.

No inventario de Anna Rosa Coelho, o curador andou, nos parece, como Pilatos no Credo, ou foi á Roma e não viu o Papa.

Avisamos que não daremos resposta, porque não descemos a discentir; interprete como quizer, diga o que quizer, e nós continuaremos a escrever para o publico, e por isso publicamos em seguida a informação do escrivão relativa a questão de Anna Rosa Coelho, sem lhe acrescentarmos uma virgula, porque não necessita de mais justificações, para mostrar quão infundadas são as invectivas de seus detractores:

« Illm. sr. dr. juiz de orphãos. — Em cumprimento do despacho de v. s. tenho a informar o seguinte:

« No inventario que se procedeu por fallecimento de Anna Rosa Coelho, delle vê-se a fls. 5, no titulo de herdeiros, serem herdeiros ausentes filhos: Feliciano Coelho da Costa, Ignacio Coelho da Costa, Antonio Coelho da Costa, José Luiz da Costa, Luiz Coelho da Costa, Anacleto José Coelho e Genoveva Rosa Coelho, aos quaes tocou em partilha dos bens de sua finada mãe, como se vê no lançamento das partilhas de fls. 54 a 62: ao primeiro 7 e meia braças de terras de frente, em Canasvieiras, no valor de 67\$500, e mais em dinheiro da reposição dos herdeiros netos, filhos do fallecido herdeiro filho João Coelho da Costa — 70\$807; iguaes addições em terras e reposições dos netos, filhos do dito João Coelho, tocaram aos herdeiros filhos Ignacio Coelho da Costa, e Antonio Coelho da Costa.

« Ao herdeiro filho — José Luiz da Costa coube em pagamento de sua legitima as seguintes addições: 8 e meia braças de terras de frente, em Canasvieiras, na importancia de 76\$500, e em dinheiro da reposição dos herdeiros netos filhos do fallecido herdeiro filho João Coelho, a quantia de 61\$807, que faz o total de sua legitima de 138\$307; ao herdeiro filho Luiz Coelho da Costa, coube em pagamento, em dinheiro da reposição dos herdeiros netos, filhos do fallecido herdeiro filho João Coelho da Costa, a quantia de 136\$826, e mais a quantia de 1\$481 rs., reposição do herdeiro filho Florindo Coelho da Costa, o que faz o total de sua legitima de 138\$307 rs.; a Anacleto José Coelho tocou em dinheiro da reposição dos herdeiros de João Coelho 138\$307; e finalmente a herdeira filha Genoveva Rosa Coelho — 15 braças de terras de frente, em Canasvieiras, no valor de 135\$000, e reposição dos herdeiros netos, filhos do fallecido herdeiro filho João Coelho, a quantia de 3\$307 rs.

« Aos herdeiros netos ausentes, filhos

nomes Antonio Coelho e José Coelho, coube a cada um a quantia de 34\$751, no valor do pardo Luiz, que foi arrematado por 1:201\$000 rs., sendo sua avaliação de 1:200\$000 rs., e ambos estes pagamentos fazem a quantia de 69\$702.

« Assim fica demonstrado o que coube a cada um dos herdeiros ausentes acima mencionados, cujo curador é o advogado Manoel José de Oliveira, que devia cumprir as funções de curador, promovendo a cobrança daquellas reposições e arrecadando as terras, segundo determina o art. 79 e seus paragraphos do reg. n. 2433 de 15 de junho de 1859, pois ao escrivão nada disto compete.

« Quanto a quantia de 500\$000 que entregára neste cartorio o inventariante dos bens da finada Anna Rosa Coelho — Anacleto José Valente, foi despendida de conformidade com a ordem do juiz, como se vê a fls 71 v. do mesmo inventario, pela maneira seguinte:

« A Manoel Moreira da Silva, a quantia de 229\$730 rs., por sentença que obteve em data de 14 de junho de 1864, como se vê dos autos de prestação de contas a fls. 50 v. e 51, contra os herdeiros da finada Anna Rosa Coelho, fallando nesses autos o curador dos ausentes, o advogado Manoel José d'Oliveira, como consta dos referidos autos á fs. 48 v. e 49; — mais 257\$870 rs. das custas do inventario da finada Anna Rosa Coelho, como se vê no mesmo á fls. 72 e v., e finalmente 15\$112 rs. da carta de sentença, como se vê á fs. 23 da mesma, appensa ao respectivo inventario, pela qual foi requerido o inventariante Anacleto José Valente, por parte de Manoel Moreira da Silva, para pagar em 24 horas, sob pena de penhora, o saldo que lhe estavam a dever os herdeiros da finada Anna Rosa Coelho.

« Estas tres parcelas fazem o total de rs. 503\$712, ficando assim os herdeiros da finada Anna Rosa Coelho a deverem-me a quantia de 3\$712 rs., que nunca me pagarão.

« Quanto ao recibo que passei a Anacleto, dizendo que era essa quantia para entrar para o respectivo cofre, com guia, por mão do curador, foi de conformidade com a ordem deste juizo exarada á fs. 71 v. do mesmo inventario, que manda que liquidadas as custas, entrassem por mão do curador dos ausentes as partes liquidas a elles pertencentes, para o cofre respectivo; visto como poderia acontecer que houvesse algum liquido dos 500\$ rs.; mas bem se vê que ainda vem a faltar a quantia de 3\$712 rs. que me estão a dever os herdeiros da finada Anna Rosa Coelho, sendo decorridos onze annos sem que o curador dos ausentes cumprisse com o seu dever, e me fosse restituído o recibo que me pertence.

« Ainda se vê que essa quantia foi dada pelo inventariante para pagamento das custas, que sendo a sentença que condemnou os herdeiros na prestação de contas, de 14 de junho de 1864, o recibo é de 25 do mesmo mez e anno, tendo tambem de pagar as custas do inventario, que já se achava concluido.

« Si o curador dos ausentes não se conformar com esta informação, em face dos autos de inventario e do de prestação de contas ficarão tudo bem evidenciado, para o que requeiro esse exame desde já, dado o caso referido, para o que sejam intimados o dr. Sergio Lopes Falcão e Anacleto José Valente.

« E' o que tenho a informar.

Desterro, 2 de Outubro de 1875. — Vidal Pedro de Moraes. »

Avante!

Conhece já o publico a historia da questão em que José Luiz Alves de Brito entrara como Pilatos entra no Credo. Si esse foi coagido pelo povo em furor que exigia a condemnação do innocente immaculado, aquelle foi apenas um instrumento com que a vingança mesquinha pretende ferir a probidade e a honradez em face de uma população que contempla os perseguidores.

E' revoltante um procedimento de tal ordem, querendo opprimir-se o innocente, por factos praticados por uma terceira individualidade, unica responsavel por elles.

Estamos no caso da fabula do leão com o cordeiro.

Mas radiante ha de ser a luz, cujo brilho offuscará aquelles que hoje caminham nas trevas de armas em punho contra os homens de bem.

O artigo publicado no numero antecedente deste jornal a respeito da questão José Luiz Alves de Brito, que *requereu ao juiz de direito* para que fosse concluido o inventario de sua finada mulher, para ser recolhido a thesouraria o que viesse a pertencer aos orphãos, mostrou com documentos que a quantia de seiscentos mil réis, cujo liquido devia pertencer aos orphãos, estava acatellada em mão do escrivão em virtude de uma portaria do juiz, e que o escrivão zeloso foi buscal-a em casa de Anacleto, quando este se achava doente de cama em perigo de vida, como declarou o mesmo Anacleto, sob juramento, na justificação feita perante o dr. juiz municipal deste termo.

Que a demora da conclusão do inventario proveio do inventariante, é este que vem declarar em duas petições, dizendo ter estado fóra da provincia.

Ainda confirma sua morosidade o facto de ter sido intimado a dez de Julho do corrente anno, e não compareceu até hoje no cartorio; e estando o escrivão Campos a servir o officio, no impedimento do proprietario que se achava com assento na assembléa legislativa provincial, fez o mesmo Alves de Brito um petição que foi junta aos autos de inventario pelo escrivão Campos, e desde essa epocha em diante não foi visto mais nesta cidade.

Que o juiz incorreu nas penas do art. 139 do cod. penal, não existe a menor duvida, em face da lei clara e positiva; pois que como declara o art. 49 § 4 do regul. á lei da reforma judiciaria—o juiz poderia responsabilisar, se *pelos meios regulares* chegasse ao seu conhecimento *jurisdiccional*, dado o caso de haver materia para isto.

No entretanto foi invadida a jurisdicção do juiz de orphãos: o juiz excedeu os limites das funcções proprias do emprego, e tudo tendo por movel não a justiça, mas apenas a simples vingança que degrada e avilta a seu autor, ao passo que eleva e engrandece aquelle sobre quem ella recae.

O interesse que tomou o juiz em ser o proprio entregador da petição no cartorio do escrivão, em mandar buscal-a, em dirigir-se á casa de Anacleto, e dizer-lhe que a petição de Alves de Brito era feita pelo advogado Manoel José de Oliveira; em voltar da casa de Anacleto e appear-se do carro na rua do Livramento, onde tem seu escriptorio o mesmo advogado, o que tudo está provado com a justificação feita no juizo municipal, indicão quasi as intenções do juiz, e o movel que o arrastou a proceder de semelhante modo, inconciliavel com a dignidade da autoridade que se presa.

Avante! mais outro e outro processo podeis forjar em vossa officina.

O processo proveniente da questão, si tal questão existe, no inventario de Anna Rosa Coelho, é um segundo volume do primeiro, que, vindo sob diversa firma, todavia é esta uma e a mesma cousa, sendo forjada tão monumental peça na mesma officina que fabricára a primeira.

Leia o publico o artigo que trata desta questão, e admire a ousadia do curador dos ausentes.

Pede esse curador que lhe seja entregue, não sabemos quanto de capital, e tantos de premios, pertencentes aos seus cura-

A negligencia, a incuria, o deleixo do curador dos ausentes têm sido tal, que ainda não arrecadou os bens de seus curateiados, na conformidade da lei.

E cousa notavel é que tendo sido julgada a partilha por sentença de 3 de Maio de 1864, e a 5 do mesmo mez e anno, sendo intimado o dito curador dos ausentes dessa sentença, não pediu vista dos autos, nada disse a respeito das partilhas; mas a 10 do mesmo mez e anno requereu a praça do pardo Luiz.

Si o curador dos ausentes tivesse cumprido com o seu dever, teria dado com o enorme erro da partilha; pois que tocando de herança aos quatro herdeiros netos, filhos do finado João Coelho da Costa a quantia de 138\$000, sendo 34\$751 réis a cada um, no entretanto estes quatro herdeiros teem de repôr aos ausentes *quinhetos e tantos mil réis (!!!)*, e a todos os herdeiros a quantia de 1:060\$898 (!!!) distribuida do modo seguinte:

A Feliciano	70\$807
a Ignacio	70\$807
a Antonio	70\$807
a José Luiz.	61\$807
a Luiz Coelho	136\$826
a Adriano	93\$307
a Genoveva.	3\$307
a Maria Rosa	138\$307
a Anna Rosa	138\$307
a Anacleto	138\$307
a Virgilia	138\$307

Somma 1:060\$898

Foi metter a Sé na Misericordia, e no entretanto o curador dos ausentes, que devia desempenhar as suas funcções de curador, deixou passar tudo isto, e hoje se apresenta a requerer o que bem lhe parece, e a queixar-se sem fundamento algum contra quem ainda é credor da quantia de 3\$712 réis, que nunca lhe pagáram.

E' até onde póde chegar a elasticidade da consciencia.

Avante.

Themis.

Ao astrologo.

Uma cabeça occiosa é a officina do diabo. O mau interior não é nada mais do que uma doudice voluntaria.

Aquelle astrologo a quem falta a caridade não merece misericordia. O celebre juiz, sem caridade nem pejo, no dia 27 de setembro de 1873, gravou em uns autos de responsabilidade a seguinte sentença, como regra para seu guia durante sua vida:

« O appellado malquistou-se com o appellante, por este não lhe querer comprar *agoa de suas carroças*, — ou por outro qualquer motivo encoberto, visto ser o appellado de facil ira e prompto odio, com quanto não conste dos autos. Mas tudo bem combinado são *circumstancias aggravantes*, pelo que o condemno em seis mezes de prisão simples, e multa correspondente a metade do tempo.»

Esta sentença, é geralmente sabido, foi dada com *tantas sabedorias* que não podemos deixar de publical-as.

E então, um juiz com tal cabeça não carregará a officina do diabo?

Uma victima.

Ao Icaro.

Foi dito que *não se dava palha*, e assim tem sido cumprido.

Debicar, e nada mais; mas *discutir*. que loucura!

O publico veja se depois daquelles dous artigos publicados na *Opinião Catharinense*, em que se tratava das bandalheiras de uma questão forense, si d'ahi em diante tem apparecido mais algum artigo em que se discute com semelhante sandeu.

Discutir! não, não se desce a tanto, *não se dá palha*.

« Burro e mais burro,

« Asneiras, coucês, urros,

« Jeantibá é o rei dos burros.

« Si o estro me não falha,
« Si á rima bem me agarro,
« E's burro e boi de carro,
« E's burro de cangalha. »

O trapalhão.

VARIEDADE.

A immigração nos Estados-Unidos.

A corrente da immigração européa para os Estados-Unidos foi maior em 1854 quando as chegadas subiram a 427,833. Desde então o unico anno era que o numero de immigrants excedeu de 400,000 foi o de 1871-1872, quando elevou-se a 404,806. Mas já em 1873 o total dos immigrants desceu a 385,000 e no anno proximo passado ainda desceu mais,—cahiu muito, de facto, pois não passou de cerca de 200,000.

Já temos mostrado qual a razão deste declinio. Sempre que na Europa os negocios vão mal e na America vão bem, é grande o influxo de immigrants neste paiz: ao contrario, quando os mercados estão estagnados na America e ha pouca actividade commercial ou receios de novos commettimentos industriaes, diminue-se a emigração européa. Este anno, temos até visto um phenomeno inteiramente novo na historia da immigração nos Estados-Unidos: já por causa da desfavoravel situação industrial, acima referida, já por causa da extrema baixa que todas as linhas entre a Europa e New-York fizeram nos seus preços de passagem, tem-se estabelecido um pequeno refluxo de imigração daqui para a Europa. No verão do anno passado uma linha de vapores levava um passageiro adulto de Chicago a Liverpool por 17 dollars em papel ou cousa de 30\$ de nossa moeda. Em 1874 chegaram de America á Queenstown, (Irlanda) e Liverpool nada menos que 73,000 immigrants, quando no anno anterior só chegaram uns 34,000 ou menos da metade.

Mas todas estas causas que ha um anno têm representado a corrente da immigração nos Estados-Unidos são apenas temporarias. Os proprios immigrants que d'aqui voltaram serão os primeiros a tentar mais uma vez na America a sua fortuna, e não só virão, mas tambem induzirão muitos outros a vir com elles. Demais: apazar da grande emigração, a população dos paizes da Europa que suprem mais emigrantes não tem diminuido sensivelmente, com a unica excepção da Irlanda, que, nestes ultimos quarenta annos, tem contribuido para os Estados-Unidos com uma população de nada menos de tres milhões de almas. Mas ainda até a Irlanda só está agora em terceiro logar na lista das procedencias da immigração na Republica. A Inglaterra propriamente dita só em 1872 suppriu este paiz de oitenta mil immigrants. Tres quartas partes de toda a immigração do Reino Unido têm ultimamente vindo para aqui. Por fim, a situação interna dos paizes europeus não tem melhorado. O lavrador inglez ainda é victima do *land-lord* e está reduzido a uma posição de verdadeiro servo da gleba. Na Irlanda, ainda medra grande descontento com o governo inglez e na Allemanha as leis de conscripção e o constante receio de guerra externa ha de continuar a ser uma agencia poderosa de emigração para a America.

De outro lado, a emigração escossezta tem-se tornado muito importante nestes ultimos 10 annos; recentemente chegaram aqui só dessa procedencia 20,000 individuos e isso dentro de um anno. Da Suecia tambem tem-se estabelecido uma corrente de immigração. Em summa, as causas que agora causaram a grande corrente caudal são apenas temporarias. Ainda que a immigração se reduza regularmente a 200,000 pessoas, já isso é uma riqueza immensa. Só em dinheiro ellas trazem 360\$ cada uma, no termo médio e ahí estão 72,000 contos por anno. O Dr. Young, de Washington, opina que o valor industrial de cada immigrant é de 1:600\$: os 200,000 immigrants, pois, além dos 72,000 contos, enriqueceram annualmente o paiz com um accesso de 320,000 contos.

(Extr.)